

IV Bienal de São Paulo

Desenhistas e escultores nacionais

José Geraldo VIEIRA

CONSTITUEM a área de desenho brasileiro na IV Bienal de Artes de São Paulo 34 trabalhos pertencentes a 13 artistas. São eles: Hercules Barsotti, Tiziana Bonazzola, Lotar Charoux, Arnaldo Pedroso d'Horta, Fernando Lemos, Aldemir Martins, Iolanda Mohalyi, Wega Neri Gomes

domina nesse lote o grafismo geométrico de Anatol Vladislav, Lotar Charoux e Wega Neri. São muito pessoais os trabalhos de Fernando Lemos e Arnaldo Pedroso d'Horta, e bons os nanquins de Barsotti e Amendola. Aldemir Martins teve dois terços de seus trabalhos excluídos, por julgar mais conveniente o júri a só apresentação de sua fase mais atual, de que de fato são exemplos de teor de estruturação no gênero Henri Georges Adam os trabalhos Melancia e Flor.

Arnaldo Pedroso d'Horta, que tem passado por todas as modalidades duma excelente disciplina estética, desta vez insistiu mais em trabalhos a bico de pena que nos de recorte por meio de bisturi, goiva e formão em suportes que quase constituíam gravura dutil.

A paisagem está presente na obra de Bonazzola, sem a antiga constante de realismo crítico direto. Plattner obtém efeitos plásticos em seus três desenhos a bico de pena com conjuvação de tempera e cera. Wega Neri, que abandonou o figurativismo e depois o abstracionismo, apurou um estilo de arabescos com estrutura estanca e ritmo centrípeto. O desenho em guache de Lotar Charoux o situa graficamente na modalidade avançada que em pintura constitui também as pesquisas de Maurício Nogueira Lima e Hermelindo Flamminghi; isto é, uma disciplina de traços em arabescos duma geometria que apesar de austera constrói áreas líricas e repousantes às vezes, outras vezes duma vibração quase de neumas cromáticas. Nesse sentido ainda é muito pessoal o desenho de Anatol Vladislav, que parece esquemas de leis não obstante os títulos modestos de composições.

Hilde Weber atingiu uma síntese que deforma o objetivo com uma sagacidade sarcástica de alta caricatura às vezes, como é o caso do desenho a bico de pena e

aquarela a que deu o nome bem à Ray Bradbury de Science-Fiction.

José Claudio da Silva, a revelação gráfica destes dois últimos anos, já está adquirindo um virtuosismo que por certo se completará com o estudo da gravura. Seus dois trabalhos são de teor surrealístico mas de composição bem objetiva e pormenorizada. Francisco Amendola da Silva tem um grafismo superposto que chega às vezes a efeitos de tachismo entre Vieira da Silva e Pollock.

Iolanda Mohalyi chegou ao paradoxo de fazer pintura expressionista em seus desenhos figurativos com perspectivas às vezes superlotadas ou superpostas. É um dos grandes valores do grupo, pela técnica e pela sensibilidade.

Quinze são as peças de escultura apresentadas no certame do Ibrapuera por sete escultores. Devido talvez a uma noção atrabilária de majestade retórica e de



José Claudio da Silva, "Apocalypse IV"

São Jorge, etc. Demonstrando uma intensidade de trabalho em full time, atingiu um artesanato de grande ferro, na melhor acepção do termo, com peças dum temperamento dinâmico sempre insatisfeito. Nada disso se pode averiguar na única peça respeitada na triagem de seus trabalhos.

Bruno Giorgi, com sua inconfundível espacialidade, teve bronzes aceitos. Esmife, Guerreiros e Bucólica. São trabalhos recentes, duma consciência plástica equidistante da escultura aberta e espacial. Exemplo da primeira é Esmife, com ritmos excelentes de massas e vãos. Exemplo soberbo da segunda são os Guerreiros, de grande beleza, em sua síntese vertical de linhas ligadas por diversos ritmos.

José Pedroso pouco tinha em seu etelê para remeter à Bienal, contentando-se em mandar espécimes bancusianos que demonstram apenas um lado sensível e delicado de sua capacitação muito mais ampla.

Zelia Salgado, com realizações múltiplas em escultura figurativa, abstrata, fechada e exótica, apresenta uma trindade bem distinta como unidades, preponderando a realização Agláé. Trabalha em pedra, marmare e metal; atingiu um domínio de matéria, plasticidade e modulação dentro de coeficientes estéticos entre Béothy e Anthoons.

Mossia Pinto Alves tem uma peça em alumínio dentro de constantes místicas e na linha construtiva de André Gidon. Outras peças suas de elaboração aberta ascendente e rítmica, no gênero das pesquisas de Antoine Poncet, mostravam melhor sua atual fase.

Sergio de Camargo é representado pela peça Os Amantes, numa elaboração de figurativismo entre Johannes Burla e Monney. Escultura maciça, fechada, com um simbolismo lírico e freudiano.

Frans Josef Weissman, tirou o grande prêmio nacional de escultura. Mandou trabalhos de metal, com duas constantes: o cubo e a torre. Seus cubos espaciais, delimitados por uma geometria com sugestão de planos, constituem sua forma anterior, já conhecida. Agora esse escultor se está intelectualizando, e as suas torres, de finalidade estética arquitetônica majestosa, se prendem ainda a arranjos no tipo de Hiefelner como construção vertical equilibrada com chapas bem mais sintéticas, felizmente, do que as de Conagra.

Quando ele começou a fazer cubos pensei que fosse enveredar para pesquisas e soluções à maneira de Bodmer ou de Walter Linck. Foi uma fase pura, correta, de aparente simplicidade mas de excelente solução. Já a constante vertical espaço-dinâmica das torres, menos sensível do que as

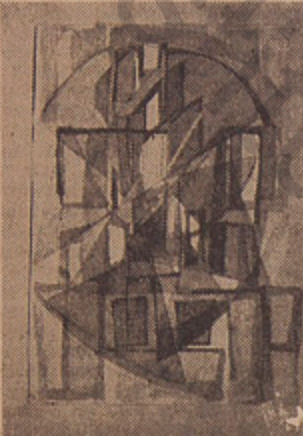
peças verticais e abertas de Ibram Lassaw, porem mais ortostáticas do que as de Seymour Lipton, estão tendendo para o espacialismo. Esse espacialismo tende a criar não uma matéria nem uma forma e sim, através duma continuidade (como as dos arabescos geométricos) um construtivismo estético através das sensações de delimitação, alternância e ritmo. Assim, pois, enquanto um Bruno Giorgi se empenha na obtenção de volumes, imagens, matéria, movimento e antropomorfismo, dentro duma estética consentânea com uma pesquisa de expressão e volume; enquanto os outros expositores se empenham em virtuosismos formais, Frans Josef Weissman se empenha em obter sensações estáticas, no tipo da escultura cibernética de Nicolas Schoeffler.

Ora, essa linha geometrante de efeito plástico e arquitetônico é a linha duma escultura aplicada e não pura; duma escultura ancilar e não autônoma. Ao passo que a linha de expressão volumétrica da matéria, de Theodor Roszak, em que se inclui Bruno Giorgi, conquanto aparentemente tradicional,



Franz Weissmann, "A Torre"

é a linha de pesquisas mais atuais da escultura. O espacialismo e o concretismo (nesta época de tachismo gráfico-plástico e de deformação fito-zoomórfica da matéria, ou ainda de mecanicismo metafísico dos sulcos Haefelfinger, Gisiger e Mueller) se não está superado já não é a vanguarda extrema. A vanguarda extrema, conforme vemos nos ingleses e norte-americanos nesta IV Bienal de São Paulo, é a da pesquisa e solução da matéria e do volume. Haja vista as figuras de Chadwick, Lassaw, Lipton, etc. Outra ponta de lança vanguardista é a escultura de bigorna, dum Luginbuehl, ou dum Oteiza (que acaba de tirar o Prêmio de Escultura para estrangeiros).

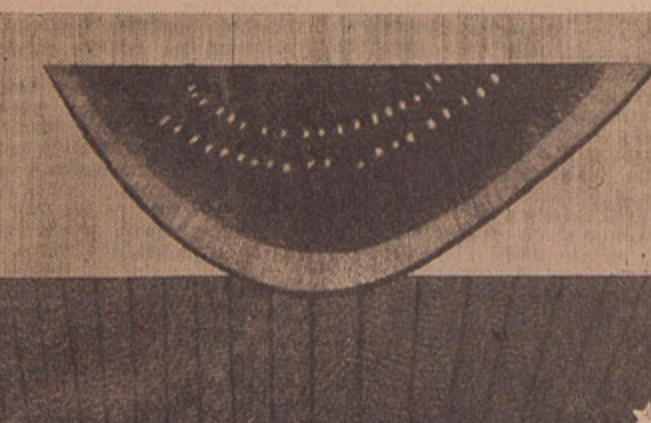


Wega Neri, desenho, "Frases".

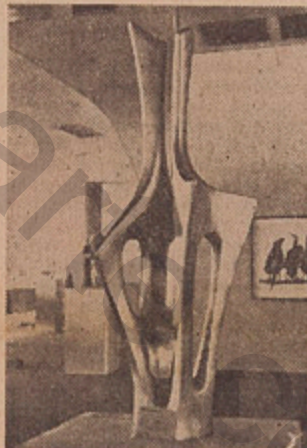
Pinto, Karl Plattner, Francisco Amendola da Silva, José Claudio da Silva, Hilde Weber e Anatol Vladislav.

O prêmio foi conferido ex-aequo a Wega Neri Gomes Pinto e Fernando Lemos. São estes, pois, oficialmente, segundo a votação dum júri internacional, os melhores desenhistas nacionais apresentados no prelio.

Entre os artistas figurativos destacam-se Karl Plattner, Aldemir Martins, Iolanda Mohalyi, José Claudio da Silva, Hilde Weber e Tiziana Bonazzola. Uns com tendência gráfica sintética, outros com certo expressionismo superlotado, alguns com alvos de surrealismo. Entre os abstratos contam-se os demais, sendo que pre-



Aldemir Martins, "Melancia". Desenho.



Brasil — Zelia Salgado, escultura

vezo monumental, a nossa escultura sempre foi o lado mais fraco do contingente brasileiro nas Bienais de São Paulo.

Só da segunda Bienal para cá foi que principiou a aparecer escultura aberta e especial, e isso mesmo, excluindo o caso de Bruno Giorgi, com muitos influxos de pioneiros ingleses e franceses pós-cubistas. Além disso nossos escultores de menor personalidade se enfeitam logo por um pseudo virtuosismo, passando apressadamente da escultura fechada para a aberta, da aberta para a espacial e desta para a espaço-dinâmica. De maneira que não assistimos à evolução plástica dos artistas e sim à sua atenção publicitária do que se está fazendo. Passa-se depressa de Marino Marini para Henry Moore; de Manzu para Arp; de Brancusi para Roszak; de Lynn Chadwick para Aeschbacher; de Germaine Richier para Robert Mueller; de Bodmer para Brignon.

Essa acuidade brasileira fez que a nossa escultura desse pulos, ao invés de passar por uma evolução, e, ao invés de cada escultor ter a sua maneira sincera, o obrigou a um virtuosismo apressado.

O setor brasileiro de escultura na atual mostra é diminuto. Desse escultores, diversos, como Bruno Giorgi e Mario Cravo, tiveram suas peças reduzidas para pouquíssimas unidades, não deixando entrever direito suas atuais maneiras artesanais. De fato, Mario Cravo, que abandonou (no conjunto remetido da Bahia) os trabalhos maciços em madeira, voltou veementemente ao ferro e entrou numa produção barroca, aberta, retorcida, vibrátil e nervosa, com seu Cristo Crucificado,